



Guerra híbridas de 4ª geração e o futuro político internacional: disputas, rupturas econômicas e hegemonias

Resenha do livro FIORI, José Luís. A Síndrome de Babel e a Disputa do Poder Global. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2020.

César Alessandro Sagrillo Figueiredo¹

O livro possui como argumento principal as disputas pelo poder Global no século XXI, outrora capitaneado exclusivamente pelos Estados Unidos a partir do fim da URSS, no início dos anos 90 do século XX. Imprimindo uma escrita primorosa e podendo ser lido através dos conceitos geopolíticos, sobretudo por evidenciar que o espaço conquistado torna-se um objeto de poder político. Nesse espectro, o autor aponta às mudanças ocorridas no cenário geopolítico e apresenta as transformações advindas nos últimos decênios, inserindo nesse universo a conjuntura política internacional, a economia e a história, a fim de compreendermos o estudo de tratados, acordos comerciais, gestão de territórios e, principalmente, a forma de uso e a apropriação dos recursos estratégicos naturais que vão justamente garantir as riquezas destes modernos Estados-nações do século XXI.

Esta obra não possui uma cronologia linear, como o próprio autor apresenta, entretanto demonstra um roteiro síncrono e dividido em blocos, quais sejam: 1) Transformações Mundiais; e 2) Brasil e América Latina. Mediante uma leitura encorpada e com lastros de pesquisas firmes, o livro apresenta as transformações do mundo entre 2015 e 2020, demonstrando uma análise refinada, apontando cenários, construindo hipóteses e, inclusive, sugerindo saídas para esgotamento de crises políticas e econômicas. No caso do estudo brasileiro, não querendo desmerecer o roteiro proposto pelo autor, sugeriria um bloco à parte, justamente em face das transformações abruptas ocorridas no país a partir do Golpe de 2016 com o soterramento do legado do ciclo petista (2003-2016). Não obstante, reitero que o livro consegue apresentar de maneira muito orgânica o roteiro proposto, conduzindo os leitores desde uma visão macropolítica em nível mundial, recortando para a

¹ Doutor em Ciências Políticas, docente do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis, realizou estágio pós-doutoral em Letras: Ensino de Língua e Literatura (UFT). Membro do Grupo Violência e Estado. Desenvolve pesquisas relativas à Literatura de Testemunho, Guerrilha do Araguaia e Justiça de Transição. E-mail: cesarpolitika@gmail.com.

América Latina até desaguar no redemoinho do caos brasileiro do período presente, mais precisamente até o fechamento do livro em março de 2020.

Conforme enfatizado, o início do livro é paradigmático, mostrando as mudanças das diretrizes políticas na governança global proposto pelos Estados Unidos a partir da posse de Trump. Destacamos o seguinte ponto para compreendermos essas rupturas de inflexão, em que na “sua nova doutrina estratégica, os Estados Unidos abrem mão de sua hegemonia e liderança ética do mundo, optando por um projeto pragmático e realidade de poder, e por uma diplomacia apoiada, sobretudo, na sua superioridade militar, econômica e financeira” (p. 12). O autor realça que essa mudança não se deu simplesmente pela chegada de Trump à Casa Branca, mas sim que era necessário ter Trump no lugar exato para dar essa materialidade à condução dessa política, uma vez que já vinha sendo gestada a passos muito bem embasados pela plêiade que coordenava a política americana.

Seria, portanto, uma ruptura dos princípios que geriu a política americana, sobretudo no pós-II Guerra Mundial, em conjunção com a criação da ONU e demais órgãos internacionais colegiados, baseado nos princípios universalistas e de uma hegemonia “benevolente” que, mesmo assim, dividia territórios, disputavam espaços e (re)definiam fronteiras comerciais. Obviamente que essa mudança tem um fator causal bem definido, sustentado no livro através da alegoria do mito da Torre de Babel, reportando-a ao período moderno, nas palavras do autor: “Deus abre mão de sua ‘universalidade’ e escolhe um único povo em particular, como porta-voz de seus desígnios, instrumentos de sua vontade e realizador de suas guerras contra todos os povos que Ele mesmo criou” (p. 61). Em face dessa premissa, o Estados Unidos estaria vivendo essa “síndrome”, ou seja, se colocando como o povo escolhido e (re)definindo as regras do jogo, melhor dito, quem deve ser o grande líder internacional e quem deve naufragar no caos, precisamente a fim de vicejar somente a política americana nesse início de século XXI.

Fiori salienta que os motivos dessa viragem política americana ocorreram porque alguns países precisam ser colocados em posição coadjuvante como Estados secundários, tornando-se nações tampões que serviriam apenas com objetivo de sustentação à sua política belicosa imperialista. Assim como, justifica que outros países emergiram muito abruptamente - irrompendo no cenário – e podendo quiçá ofuscar

oportunamente o grande império americano, tendo a necessidade imperiosa de ser combatido em todos os flancos com o intuito de não ser um dos seus grandes competidores daqui a algumas décadas. Por fim, há o rol das nações que gravitam há séculos na tentativa de se (re)erguerem do seu grau de dependência dos países desenvolvidos (sem conseguirem), uma vez que ficaram muito atrasadas na corrida desenvolvimentista quando comparadas com as nações do capitalismo avançado.

De todo esse conjunto de *players*, os Estados Unidos elegem os seguintes blocos ou países como competidores principais, numa interminável contraofensiva: primeiramente a Europa, através da União Europeia (UE), tornando-o um continente enfraquecido e utilizando os seguintes artifícios - 1) após o fim da URSS, os Estados Unidos estimularam e inflaram a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) com a inclusão de novos países egressos dos escombros do aparato soviético; 2) visaram a incorporação destes países de forma precipitada na União Europeia, o que acabou se tornando um verdadeiro Cavalo de Troia para a outrora robusta OTAN e UE, conseqüentemente, perdendo em coesão e poder de barganha. Para completar as tacadas finais, 3) houve o Brexit na Inglaterra, vindo a desagregar ainda mais a UE e enfraquecendo o continente, dando, por conseguinte, 4) um trabalho extremamente hercúleo para a Alemanha capitanear essa nova Europa - mesmo com as habilidosas mãos de ferro de Ângela Merkel.

Soma-se, ainda, para justificar nessa nova contraofensiva americana, a arrancada da China nas últimas décadas, principalmente pelos chineses estarem em vias de conquistarem a hegemonia do espaço na Ásia e por colocarem em risco a dominância histórica dos Estados Unidos nos países da América Latina. Nesse jogo de mercado, a China em algumas áreas consegue sair na frente e conquistar a dianteira, especialmente no setor de comunicação e tecnologia digital – ofuscando o esvanecido imperialismo americano em tecnologias, que antes possuía o poder irrestrito. Convém reiterar a potencialidade do mercado na Ásia capitaneado pela China, mais precisamente sobre a quantidade populacional ávida a consumir bens e produtos chineses. Essa corrida também trouxe outras surpresas do ponto de vista energético, pois demonstrou a pujança da associação chinesa com outros mercados ascendentes e dispostos a quebrar o poderio da política

americana: colocamos em destaque nesse cenário os acordos da Rússia com a China no setor energético do petróleo e gás.

A Rússia, a seu turno, se torna mais um agravante no caminho geopolítico americano, pois além de energia em abundância para concorrer com os Estados Unidos e disputar mercado, ainda possui todo o armamento bélico de longo alcance herdeiro do aparato soviético e que não foi destruído, inclusive contando com recursos nucleares. Toda essa conjunção de países, além de ofuscar o poderio americano, pode pôr fim surpreendentemente a posição unipolar do Estados Unidos na liderança mundial, haja vista que emergiram em poucas décadas e estão dispostos a fazer frente à nação mais rica do mundo. Em síntese, com o intuito de conter a fuga de capital e não correr o risco de ser transformado em nação secundária, a geopolítica capitaneada por Trump modificou os seus tratados políticos com inflexões em grau máximo e partiu novamente para o confronto com vista a demarcar posição, espaço e mercado.

Segundo o autor, um dos pontos principais de disputa desse mercado é justamente o petróleo, recurso de bem limitado, portanto, devendo ser extremamente bem manejado com vista a efetivar o lucro das nações que possuem sua operacionalização, uma vez que o petróleo é recurso energético primordial que sustenta o mecanismo de produção de riqueza em nível global. Torna-se pertinente, ainda, explicitar que desde o final da II Guerra Mundial os Estados Unidos conseguiram estabelecer a gerência internacional desse mercado, como sendo um polo de dominação e poder. Nesse aspecto, portanto, não se furtou de estimular divisões de territórios, auxiliar na construção de países com vistas a sustentar a política americana, bem como estabelecer conflitos bélicos no oriente médio com fomento de instalação de postos de petróleo com orientação pró-Estados Unidos. Conforme podemos verificar, por exemplo, com a invasão do Golfo Pérsico no início dos anos 90, depois com a tomada do Iraque nos anos 2000, assim como toda a série de política bélica no Oriente Médio em caráter contínuo e sem cessar fogo.

No entanto, mais uma vez reitera o autor, que a pedra no caminho se materializou com a surpreendente arrancada Chinesa e Russa, a inesperada aliança momentânea desses dois países – considerando que as alianças políticas são em caráter tático-estratégicos com objetivos econômicos bem definidos. Assim sendo, a Rússia surge também frondosamente impactando e

modificando o cenário, pois esta grande nação possui imensas reservas de petróleo e gás, capaz de abastecer a UE e colocando-a na sua dependência energética, visto que a Europa “consome cerca de dois terços de todos o gás exportado pela Rússia, e que deverá estar importando, em 2030, cerca de 80 % do seu gás e 93 % do seu consumo de petróleo” (p. 79).

O autor aponta que esses grandes *players* políticos, Estados Unidos, UE, China e Rússia, podendo ser colocado também a Índia, não estão isolados, pois quando analisamos detidamente o petróleo, como recurso energético principal, verificamos que este produto articula e impulsiona as transações comerciais, a moeda, as divisões territórios e as guerras de todo o globo. Enfatiza, ainda, que dois terços das reservas mundiais de petróleo se concentram em 15 países, sendo que destes, 13 são de propriedade estatal, e das 20 maiores empresas petroleiras do mundo, 15 são estatais e controlam 80 % do mercado (p. 82). No tocante à econômica de mercado das nações, portanto, grifa que é importante não somente ter o petróleo como um recurso natural, mas que este produto deva estar a serviço do poder público do próprio país que o possui, pois somente com este poder global (petróleo) nas suas mãos, conseguiriam de fato capitanear o progresso e ter respaldo para conquistar uma soberania geopolítica em nível mundial.

Para perseguir esse intento de dominação estratégica visando o setor energético, segundo explicitado, houve essa inflexão explícita na política americana, muito embora já vinham se esboçando há algumas décadas. Assim sendo, o atual cenário político serviu para amalgamar as fissuras que faltavam para o imperialismo americano construir de maneira unificada essa política, valendo-se tanto de invasões bélicas armadas com guerras, bombas e explosões, quanto das novas guerras híbridas de 4^o geração, em que a derrocada de um Estado-nação pode se dar pela asfixia, soterramento moral das suas lideranças nacionalistas e progressistas, assim como embargos comerciais e *fake news*, conforme ocorreu em toda a América Latina e, especialmente, no Brasil de maneira mais incisiva nessa segunda década do século XXI.

As campanhas urdidadas e de golpes de Estados com o patrocínio americano não precisam mais ocorrer com tanques invadindo palácios presidenciais, como aconteceu no Chile de Salvador Allende em 1973. Tampouco como ocorreu com o financiamento maciço das forças armadas

brasileiras e argentinas nos anos 60 e 70, pois essas novas guerras híbridas jogam fortemente com o inconsciente coletivo da população para dar força a um Legislativo vendido e um judiciário espúrio, com vistas a romper com acordos democráticos e estabelecer Golpes de Estados modernos. Dito de outra maneira, sem sangue e nem armas – dando ares de continuidade e normalidade, quando por detrás dessas mudanças acarretam severas transformações que impactam a toda sociedade.

Fiori salienta que o cenário latino-americano é fértil dessas narrativas e mudanças de regime sob influência escusa dos países do capitalismo avançado, especialmente com as tramas urdidas dos Estados Unidos. Aponta a existência de um pêndulo em que os países da América Latina se equilibram ora com políticas ditatoriais, ora com uma descompressão e tentativa de volta à democracia, assim como se equilibram entre governos com perfis nacional-desenvolvimentistas e outros governos com perfis neoliberais. Essas intercalações são visíveis em todo o continente latino-americano, num movimento que o autor chama pendular e gerando um resultado de soma-zero, pois um governo liquida tudo o que o seu antecessor realizou e, posteriormente, resolve reconstruir a partir do seu próprio ideário político. Logo, ficando essa parte do continente *ad infinitum* subdesenvolvida e sempre dependente do financiamento americano para reconstruções após implosões.

Temos que destacar, mais uma vez, o peso dos países do capitalismo avançado para que esse movimento pendular não oscile para políticos com matizes de centro-esquerda progressista; quando esse ponteiro gira muito à esquerda, acionam de pronto toda uma série de política com vistas a erodir essas lideranças e continuarem regular a balança pendendo apenas para o lado do grande capital. Constatamos como exemplo acabado dessa política toda a América Latina, pois o continente foi abalado pelo Neoliberalismo na década de 90, fracassando; posteriormente ocorreram as viragens para a esquerda nacionalista nas primeiras décadas de 2000, sendo capitaneado por figuras como Lula no Brasil e Chaves na Venezuela. Mais recentemente, houve uma nova viragem ultraliberal no Brasil com Bolsonaro e em outros países, contudo, com uma rápida mudança no cenário em face da vitória do peronista Alberto Fernandes na Argentina. O autor salienta que essas mudanças estão em ritmo mais curto, fazendo o pêndulo oscilar com mais rapidez, talvez,

segundo a análise de Fiori, em virtude das incompetências dessas políticas ultraliberais, uma vez que já tinham se mostrado totalmente débeis na década de 90.

Essas viragens pendulares no cenário latino-americano impactaram diretamente o Brasil, ainda em curso eruptivo, tornado o país o alvo principal a partir da descoberta do pré-sal em 2006 (p.149) e servindo, portanto, como pontaria certa para o intervencionismo americano, de acordo com o seu novo ideário político: fomentando guerras híbridas, conflitos ideológicos, cooptação política e, como um tiro derradeiro, a desqualificação moral das lideranças com verniz nacionalista e progressistas. Entretanto, o autor sublinha que nenhum desses líderes nacionais na América Latina tinham pendor para revolucionários marxistas radicais, como tinha ocorrido em Cuba ou mesmo com o Chile no período da Unidade Popular de Salvador Allende; não obstante, bastaram olhar com mais apuro para as próprias riquezas nacionais, no caso do petróleo brasileiro e venezuelanos, para serem considerado o principal inimigo no *front* na América Latina.

Essa política atingiu em cheio o Brasil a partir do segundo mandato de Lula, vindo a corroer a olhos vistos o mandato de Dilma Rousseff, ficando o ciclo petista impactado entre vários dilemas, “mesmo que tenha havido uma desaceleração da economia durante do governo Dilma Rousseff, não foi isso que causou o golpe de Estado de 2015/2016” (p. 187). Convém pesar, além dos problemas de gestão e crises financeiras nacionais/internacionais (sobretudo como reflexo advindo de 2008), os duelos fratricidas insuflados pela oposição e a grande disputa internacional pela gestão do patrimônio do Estado brasileiro. Melhor explicando, através de diversas estratégias, se estabeleceu uma luta política com vistas a romper esse pacto neodesenvolvimentista do ciclo petista e tentar impor um novo ideário político baseado nos pressupostos neoliberais, desta vez vindo a curso o receituário ultraliberal do ministro Paulo Guedes.

De acordo com o livro, cronologicamente bem demarcado até o ano de 2018, o autor vinha construindo cenários, percursos e apontando finas análises. Porém, a partir das eleições deste ano fatídico, com as mudanças abruptas de conjuntura e com o novo governo emergido, foi apresentando no livro a ocorrência de um processo centrífugo extremamente deletério no Brasil e com a erosão total da democracia. Através da sua escrita, o autor

conseguiu capturar com maestria essas mudanças, modificando o tom e convidando os leitores à reflexão das atrocidades que estava em curso a partir de 2019, demonstrando as incoerências propostas pelo ministro Paulo Guedes e a velha cantilena dos *Chicago Boys*, fracassado desde o governo sanguinário de Pinochet. Em síntese, desde 1973 essa política neoliberal nunca logrou resultado, haja vista que esse ideário político é apenas um grande blefe de quem não nunca teve nada a oferecer, nas visionárias palavras de Fiori conclamando a todos com sua leitura: “Ainda é tempo de impedir que o fanatismo ideológico do Senhor Guedes destrua 90 anos da história da economia brasileira, para atender ao interesse de um pequeno grupo de banqueiros, financistas e agroexportadores” (p. 144).

Por mais advertência que o autor denunciasse da eruptiva política brasileira, contudo, mais mazelas se aprofundavam num cataclismo previamente anunciado - o livro se encerra em março de 2020 – nas portas da Pandemia. Seguramente, se o autor fosse convidado a fazer um epílogo para uma nova edição desta obra, teria que apontar o derradeiro ano pandêmico de 2020 e 2021, mas teria a segurança acadêmica acertada de não precisar reescrever nada no corpo da obra, pois todos os cenários, personagens, bodes expiatórios, juízes suspeitos, economistas inaptos e grandes *players* políticos internacionais já estavam colocando no livro e jogando. Cabe realçar ainda a curiosa emergência de alguns personagens que conseguiram coletivamente compreender o jogo político, disputar e vencer o processo eleitoral, mesmo a despeito de todas as limitações visíveis das suas capacidades políticas, intelectuais e morais para serem gestores.

Finalizando a análise do livro, mais uma vez o Brasil entra nesse interminável processo centrífugo e pendular, de eterno recomeçar e liquidar suas forças. De acordo com Fiori, assim como a Penélope da mitologia grega, tecendo e destruindo o sudário que teimava em não terminar. Porém as grandes potências continuam com olhar atento e predatório sem arredar o interesse pelo pré-sal brasileiro, espreitando a sua venda e total liquidação mediante as diretrizes ultraliberais do atual ciclo político inaugurado em 2019. Concluindo e buscando um diálogo síntese com que fora escrito, reportamos a fala de Fiori em que enfatiza com lucidez a realidade: “só uma elite inteiramente corrompida e rebaixada, do ponto de vista moral, e completamente imbecilizada, do ponto de vista intelectual, pode abrir mão

do controle estatal de seus recursos energéticos nacionais já conquistados” (p. 83). Assertivas palavras do autor, convidando a todos o estudo desse cenário geopolítico ininterruptamente belicoso, sobretudo a necessidade de deitarmos este olhar acurado para o Brasil, alvo de cobiça e eterna disputa.